VISÃO DO CORREIO

Os desafios da eletrificação

O avanço e a adoção de uma nova tecnologia pelo mundo não costumam ser suaves. Normalmente se dá em saltos intensos, que deixam para trás os países que não conseguem acompanhar a inovação do momento. Foi assim com a adoção dos teares mecanizados, na virada do século 18 para o século 19. Essa mudança levou à Primeira Revolução Industrial e à ascensão do Reino Unido como potência. Na transição do século 20 para o século 21, também foi assim com os computadores e a internet. Agora, o mundo está diante de um novo paradigma tecnológico, talvez o mais importante desde a chegada da informática: os carros com motores elétricos.

A eletrificação avança rapidamente pelo mundo. No exterior — principalmente na Europa —, diversas montadoras já determinaram que, nos próximos anos, todos os seus veículos vão sair de fábrica com baterias. Elas vão ocupar o lugar dos motores à explosão, movidos por derivados de petróleo. Os chineses também não perderam tempo e estão não só apostando pesado na virada de matriz energética, como estão trazendo, a preços muito competitivos, seus veículos elétricos para o Brasil.

Mas por aqui, porém, diversos desafios se impõem para que a eletrificação ocorra com a velocidade que está sendo implantada nos países do Norte global. Um dos principais dilemas é o impacto potencial na mão de obra. A automação e a substituição de motores a combustão interna pelos elétricos têm o potencial de causar uma redução drástica dos postos de trabalho no setor, sejam empregos diretos, nas montadoras, sejam indiretos, na imensa rede de prestação de serviços, que vão de postos de gasolina e centros de trocas de óleo a oficinas mecânicas de bairro.

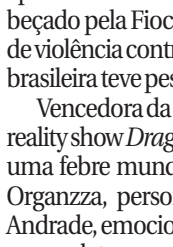
Isso revela outro problema de difícil resolução no Brasil: a infraestrutura deficiente. Para que uma pessoa viajando encare mais do que seis ou sete horas em um elétrico, ela vai precisar invariavelmente abastecer a bateria. Mas o processo não é rápido como encher um tanque. Ele demanda algumas horas, o que pode causar um problema sério. Basta imaginar uma pessoa que chega a um eletroposto onde todos os carregadores estão ocupados. Além da espera que ela já teria pelo próprio carro, ela terá que aguardar que as pessoas que chegaram na frente concluam suas cargas, sendo que elas podem ter, também, acabado de iniciar o abastecimento.

Se nas estradas existe este problema, nas casas brasileiras não é diferente. Quais são as garagens de imóveis que estão preparadas para uma adoção em massa dos carregadores? A situação, como se não bastasse, provavelmente, vai gerar discussões e brigas em condomínios, onde a energia elétrica dos estacionamentos costuma ser compartilhada, de uso comum.

Por isso, as grandes montadoras estão apostando que o Brasil ainda vai viver um momento de transição até a adoção do elétrico puro. Os híbridos, que têm o auxílio de um motor elétrico alimentado à bateria, mas também contam com um propulsor à explosão, estão sendo apresentados como essa solução intermediária. Faz sentido, pois aproveita a imensa produção nacional de etanol, que é um combustível renovável e consideravelmente mais limpo do que a gasolina e o diesel.

No entanto, é crucial reconhecer que essa abordagem deve ser apenas uma resposta temporária. Ao optar pelos híbridos, o Brasil ganha um tempo necessário para resolução de todos os problemas citados acima, mas arrisca perpetuar a dependência dos combustíveis fósseis, enquanto o resto do mundo avança rapidamente para a eletrificação total.

É como se estivéssemos aceitando um compromisso pela metade, condenando-nos a seguir um caminho que, a longo prazo, pode se tornar obsoleto. Resta saber se o governo, as montadoras e, principalmente, os consumidores, vão entender os híbridos como um momento de transição rumo ao futuro totalmente elétrico da indústria automotiva global, ou se o Brasil vai, mais uma vez, perder o passo da história.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti@gmail.com

A cor preta no arco-íris

Na sigla LGBTQIAPN+, a letra N se refere às pessoas não binárias. Porém, além de encampar os indivíduos que não se encaixam em nenhum gênero, a categoria também poderia perfeitamente representar os negros. Dentro de um contexto de preconceito, diversidade e resistência, não dá para falar de consciência negra sem propor esse recorte importante. Se no Brasil ainda é um desafio ser homossexual ou ser negro, dá para imaginar como é ser os dois e conviver com uma batalha dupla de adequação e aceitação.

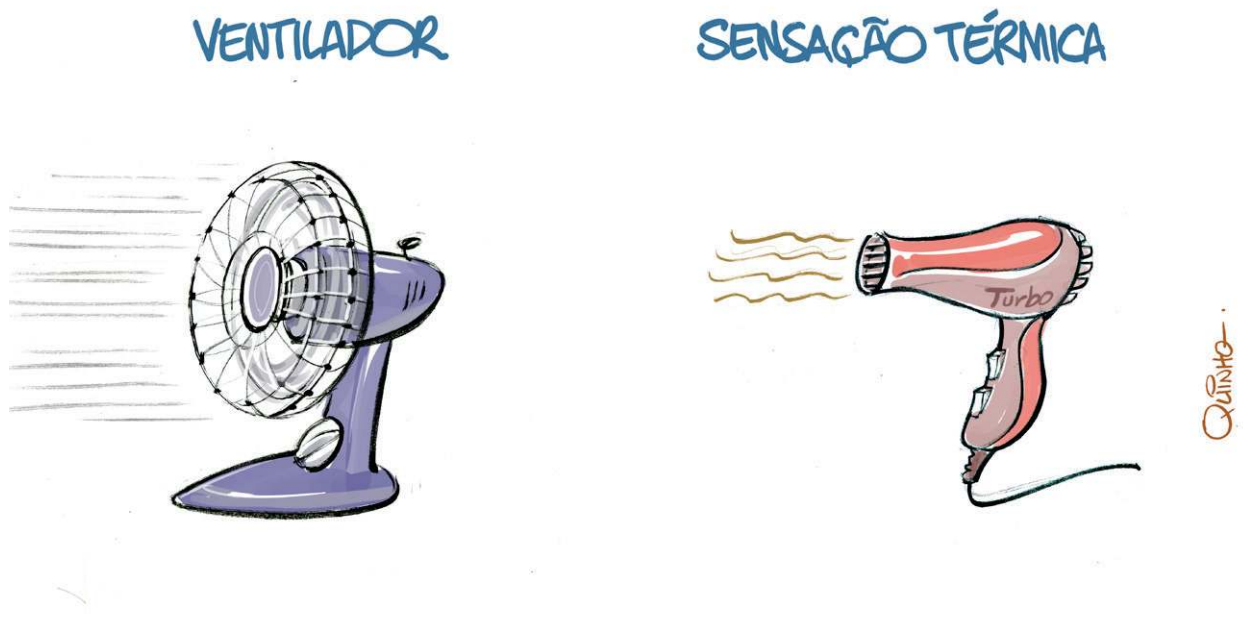
Pesquisas realizadas em plena pandemia apontaram que jovens negros tinham o dobro de riscos de desenvolver depressão que brancos. Entre homossexuais, a probabilidade de cometer suicídio era cinco vezes maior comparada a alguém heterossexual. Se fizermos o cruzamento, é possível perceber o cenário em que um gay preto ou pardo se encontra. E tal estatística não se consolida de forma isolada e episódica. De acordo com levantamento encabeçado pela Fiocruz, metade das notificações de violência contra a população LGBTQIAPN+ brasileira teve pessoas não brancas como alvo.

Vencedora da primeira edição brasileira do reality show *Drage Race* — da franquia RuPaul, uma febre mundial —, a drag queen carioca Organzza, personagem por trás de Vinícius Andrade, emocionou colegas, jurados e público ao relatar a emoção da vitória no programa. Por ser uma pessoa LGBTQIAPN+ preta e periférica sendo coroada no Brasil, celebrou com alegria e dor a consagração da sua jornada, que representa a de tantos outros indivíduos que sofrem na pele o horror diário. E isso pela crueldade daqueles que julgam que, juntas, a cor da pele e a sexualidade duplicam o sentimento de invalidação desses seres humanos.

O discurso de Organzza aponta para o fato de que ser um homossexual branco pode colocar, ainda que de forma distorcida, a prática homofóbica em um nível "mais suave". E isso é forte, porque assinala uma realidade que não é tão mascarada assim.

Se por um lado existe a agressão física à qual os gays negros — em especial os periféricos — estão sujeitos com maior frequência, há a hipersexualização que, embora de forma sutil e disfarçada de fetiche, coloca os indivíduos com a pele mais escura em um lugar de desumanização. Costume histórico, com origem na escravatura, em que o preto tinha valor pelos seus dotes físicos e, invalidado como gente, poderia ser depreciado por violências. E é importante pontuar que o sexo pode ser uma forma de violência, mesmo quando consentido. Não é raro ouvir, dentro da própria comunidade que deveria ser inclusiva, que um corpo negro é bom para sexo. E só.

No arco-íris, símbolo da diversidade, branco e preto não se diferenciam. Até porque não estão lá de forma visível. É curioso analisar que a cor branca é a união de todas as cores, mas a preta é a ausência delas. Na vida real, não tem que ser assim. Ao contrário: neste 20 de novembro, é importante que se olhe com maior carinho também a população que, por natureza, faz a bandeira LGBTQIAPN+ se tornar ainda mais potente.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Persistir é preciso

Conforme notícia veiculada na *Folha de São Paulo* (15/11), o Itamaraty estabeleceu como meta de 2023 elevar para 18,8% o quantitativo de mulheres chefiando embaixadas ou missões internacionais. Em 2022, o percentual era de 13,5% dos 135 postos disponíveis. É uma atitude louvável, mas precisa avançar também no número de mulheres exercendo a diplomacia, pois elas representam hoje apenas 23% do total de diplomatas. O presidente Lula iniciou seu terceiro mandato batendo recorde com a nomeação de 11 mulheres para ocupar cargo de ministro de Estado. Os homens, como sempre, ficaram com a maior parte. Mas não demorou muito para a situação mudar. Hoje, 29 pastas são comandadas por homens e apenas nove são exercidas por mulheres. Como é sabido, com o objetivo de fortalecer sua base no Congresso e atender a insaciável sede de poder do Centrão, Lula foi forçado a substituir por homens duas ministras (Esporte e Turismo), além da presidente da Caixa Econômica Federal. O presidente e os membros do Centrão esqueceram que, segundo o Censo de 2022, as mulheres correspondem a 51,5% da população e que isso significa que o país tem 6 milhões de mulheres a mais do que homens. Além disso, vale lembrar que, no elevado contingente feminino, tem muita gente altamente qualificada para assumir funções de relevância nos Três Poderes da República. Portanto, inexiste justificativa convincente para que elas sejam preteridas. Sempre fui um intransigente defensor dos direitos das mulheres, sobretudo daquelas que são vítimas de atos de discriminação e de violência. Às vezes, fico a refletir e pergunto a mim mesmo: o que seria dos homens se não existissem as mulheres? A resposta é simplesmente nada. Assim, com avanços e retrocessos, é preciso persistir na luta, a fim de que um dia as brasileiras e os brasileiros sejam tratados igualitariamente, como determina nossa *Carta Magna*.

» **José Leite Coutinho**
Sudoeste

Show da Taylor Swift

Ocorreu a morte de uma garota no show da Taylor Swift. Vários fatores concorreram para esse desfecho, a começar pelo calor do Rio de Janeiro, onde a sensação térmica é de 60°C. A plateia estava aglomerada, há dias, em barracas e usando sombrinhas. Porém, a organização proibiu a entrada de garrafas de água. O desfecho leva a crer que a vítima foi acometida de intermação pelo calor ambiente e pela falta de água potável. Esse conjunto de fatores provoca sudorese excessiva e, consequente, desidratação aguda. Segue-se alteração dos líquidos circulantes, dos rins, e falência cardíaca. Ambientalistas vêm alertando sobre as mudanças climáticas no mundo todo. A água é um dos maiores bens de que dispomos para viver com saúde. Se o calor continuar, os rios secam e a saúde se acaba. No evento do show, isso foi um recado eloquente. Faltou percepção dos riscos — mesmo com tanto dinheiro em jogo. Água não pode faltar em eventos dessa natureza. Que a morte dessa vítima sirva de alerta para os perigos que nos esperam. "Eu quero um copo d'água, tenho sede, e essa sede pode nos matar" ...

» **Thelma B. Oliveira**
Asa Norte

Morte nos trilhos

A imprensa precisa cobrar ações do GDF e dar bastante visibilidade a esse "acidente". O trânsito naquela área é caótico, na falta de outra palavra para designar. Os engarrafamentos são constantes, e os motoristas param abruptamente sem a menor preocupação com o motorista que vem atrás, acreditando que o carro da frente vai andar. A sinalização é péssima, e não tem nenhuma fiscalização.

» **Marimilda Lopes Mesquita**
Brasília

Inteligência artificial

Sempre que surge uma nova tecnologia, passa a haver uma desconfiança. É o caso, entre elas, da Inteligência Artificial (IA). Está no estágio inicial e apresenta muitas adesões. Também se constatam benefícios que ela pode trazer. Assim, os primeiros avanços começam a surgir. É uma tecnologia que, facilmente, se dissemina e fica ao alcance de todos. Seu lado negativo se constitui na possibilidade de, com a automação, substituir o ser humano em suas tarefas. Isso precisa ser levado com cuidado. Não deve acontecer para o bem da ciência, dizem os especialistas de IA. É preciso torná-la mais útil para todos!

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Uma tragédia que iria acontecer a qualquer hora. Lamentável que, naquele cruzamento com a via férrea, não exista barreira ou semáforo!

Silvério Torres Correia — Brasília

Será que a atual Seleção Brasileira é capaz de derrotar uma outra seleção formada por jogadores que não saíram do país?

Waldivino Souto — Asa Sul

Essa CBF é uma tragédia. Com tantos jogadores atuando bem no Brasil, ela convoca jogadores de que nunca ouvi falar.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Tragédia sobre os trilhos? Não, irresponsabilidade inexplicável.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax. (61) 3214.1205 - **Sucursal São Paulo**: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar – Jardim Paulista – CEP: 01403-000 – São Paulo/ SP, Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadossp@uaigiga.com.br. **Sucursal Rio de Janeiro**: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar – São Cristóvão – CEP: 20940-200 – Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalrj@uaigiga.com.br. **REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo** – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto – CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilcomunicacao.com.br. **Região Sul** – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 – Menino Deus – CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrm@hrmmultimidia.com.br. **Regiões Nordeste e Centro Oeste – Goiânia:** Êxito Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C 2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones:62 3085-4770 e 62 98142-6119. **Brasília:** Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D – 15º andar – Ed. Oscar Niemeyer – salas 1502/3 – CEP: 70.316-900 – Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. **Região Norte** – Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K – Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e D.A Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: **3342-1000**

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 4,00**	**R$ 6,00**

ASSINATURAS *

SEG a DOM
R$ 837,27
360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

D.A LOG
Agenciamento de Publicidade